



FILÓSOFAS NA IDADE MÉDIA: A RESISTÊNCIA DE HILDEGARDA DE BINGEN E CHRISTINE DE PISAN

Anna Deyse Rafaela Peinhopf¹

Neste trabalho, propomos a reflexão sobre como filósofas da Idade Média resistiram e produziram conhecimento filosófico durante um dos períodos em que as mulheres mais foram subjugadas, enclausuradas, condenadas como pecadoras, passando por inúmeras formas de violência. Considerando o medieval ocidental, e as memórias que compõem dizeres sobre esse período, nosso *corpus* se constitui de alguns recortes de textos preservados de Hildegarda de Bingen (2015), em *Scivias*, e de Christine de Pisan (1987), em *O espelho de Cristina*. Assim, procuramos compreender como essas mulheres tiveram suas produções intelectuais conservadas até os dias atuais, tendo em vista as condições de produção do período medieval.

Considerando a teoria de Althusser (1974, 1999) sobre os Aparelhos Ideológicos e Repressivos de Estado, o funcionamento do Aparelho Ideológico Igreja, no medieval, atravessava os sujeitos e seus dizeres, reproduzindo valores cristãos e temores relacionados à punição da carne. Assim, como o corpo/a carne era da ordem do proibido, a repressão da sexualidade reverberava nos dizeres sobre as mulheres, sendo-lhes imposta, em geral pela via da violência, a obediência, a castidade, o silêncio etc.

Nosso dispositivo teórico-analítico se filia a Análise de Discurso pecheuxtiana, método estruturado por Michel Pêcheux (1969, 1975), a partir da articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, tripé atravessado por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Nesse horizonte teórico, o discurso é entendido como a mediação que “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2010, p. 15). Em outras palavras, para analisar o discurso, devemos considerar os sujeitos em sua história, compreendendo os processos e as condições de produção da linguagem que constituem uma memória, observando as relações estabelecidas entre os sujeitos e o silêncio, os ditos, os já-ditos e os não-ditos.

Nesse sentido, propor uma análise sobre a (r)existência das mulheres na história da Filosofia, durante a Idade Média, é considerar uma presença que se faz pela ausência. Pois, para as mulheres, foi negado, pelas condições de produção do período, o reconhecimento de suas possíveis e prováveis reflexões intelectuais. Por séculos, não se falou ampla ou abertamente sobre mulheres protagonistas na história da Filosofia, seja por contribuições intelectuais seja por atos históricos que foram esquecidos, silenciados e ignorados.

¹ Doutoranda em Letras, UNIOESTE, mestra em Letras (UNIOESTE/2020), graduada em Filosofia (UNIOESTE/2013), bolsista CAPES.

A história das mulheres e de sua presença na Filosofia foi, assim, escrita e conceituada por homens, filósofos, historiadores etc, que, em sua maioria, silenciaram sobre a presença de mulheres na produção intelectual ou em qualquer outro espaço que não fosse o privado e o doméstico. Tal contexto de produção contribuiu para a constituição de uma memória que desconsidera a (r)existência de filósofas na história da Filosofia em geral e, em particular, no contexto histórico do medievo.

Diante dessa problemática, nossa análise aponta para uma resistência das filósofas por meio das condições de produção de seu período, a saber, Hildegarda de Bingen por meio da religião, e Christine de Pisan por meio do instrumentário ideológico que determinava como mulheres e homens deveriam se portar na sociedade, conforme a classe social a qual pertencessem. Os escritos preservados de ambas produzem furos em uma Formação Imaginária sobre a vida das mulheres no medievo, especialmente sobre a inexistência de filósofas nesse período.

Nas reflexões de Hildegarda, em sua obra *Scivias* (2015), entendemos que o furo acontece dentro e por meio do Aparelho Ideológico Igreja: dentro, porque Hildegarda era monja; e por meio dele, pois, graças ao controle do Aparelho Ideológico Igreja, a filósofa, enquanto líder religiosa, teve suas interpretações divinas legitimadas, aceitas e conservadas, o que possibilitou que ela se dedicasse à leitura de textos clássicos, bem como abordasse outros assuntos filosóficos que não estivessem necessariamente ligados à Igreja e à fé cristã.

Hildegarda de Bingen (Hildegard von Bingen, no original alemão) foi uma religiosa beneditina do século XII, pertencente a uma família de nobres alemães. Aos oito anos foi mandada para o mosteiro de Disibodenberg. Confiada à abadessa Jutta de Sponheim, sua primeira mestra e tutora, recebeu os ensinamentos básicos de latim por meio dos salmos, posteriormente, aprendendo também sobre manipulação de plantas medicinais e cuidados com os doentes (PINHEIRO; EGGERT, 2016; POLL, 2010).

Tendo revelações divinas desde os três anos de idade, conforme relato próprio, escreveu *Scivias*, sua primeira obra, obedecendo a um chamado de Deus recebido durante uma visão. Para a filósofa, sua obra consistia na transcrição de mensagens divinas e, como tal, era composta de ensinamentos ortodoxos de caráter doutrinário e profético.

Sua aceitação no meio eclesiástico e a fama de profetisa foram concedidas porque a filósofa tinha suas visões sempre na presença de testemunhas, sendo Volmar, monge amigo e confessor da abadessa, um dos primeiros a assegurar a veracidade das revelações. Além disso, ela seguia com alguns dos princípios que orientavam à conduta dos sujeitos religiosos, como, por exemplo, a estrita humildade, assumindo-se como incapaz de escrever ou falar sobre as graças divinas sozinha, sendo, portanto, suas escritas e interpretações nada mais do que revelações de Deus.

Considerando que o Aparelho Ideológico Igreja determinava o contexto medieval e atravessava as produções intelectuais desse período, na medida em que Hildegarda se via, e era legitimada por colegas monges, como mensageira divina, negar suas interpretações seria também negar a veracidade da comunicação entre Deus e os seres humanos. Por meio do Aparelho Ideológico Igreja no contexto da Idade Média, o conhecimento viria de Deus e por Ele seria dado em graça, Hildegarda obteve o aval do papa Eugênio III, que a reconheceu enquanto interprete e autorizou suas reflexões e escrita.

E sucedeu no 1141º ano da encarnação de Jesus Cristo, Filho de Deus, quando eu tinha 42 anos e sete meses de idade, uma ardente luz de um intenso brilho veio do céu para se pôr

por completo em minha mente, como uma chama que não queima mas que ilumina. Ela me preencheu totalmente, coração e alma, como um sol que esquentava algo com seus raios. E mais uma vez eu poderia ter o gosto de entender realmente o que diziam e o que significavam os Sagrados Livros - Os Salmos, os Evangelistas e os demais livros do Antigo e Novo Testamento [...] (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 96).

Assim, conhecendo e utilizando de suas condições de produção, Hildegarda usou do sistema eclesiástico para assegurar o direito de conhecer sobre as mais diversos assuntos e poder escrever suas reflexões e apontamentos sobre diversas problemáticas. A filósofa, ao proceder desse modo, encontrou brechas para se colocar na posição de estudiosa e de escritora. Tais oportunidades e ações de Hildegarda ressoam em nossas análises como um possível efeito de sentido de que há furos na hegemonia da História da Filosofia, que se filia à ideologia da ordem do patriarcal e desconsidera a existência de filósofas no medievo e de suas obras.

As visões que tive não foi em sonhos, nem dormindo, ou em momentos de delírios, ou pelos olhos do corpo, ou pelos ouvidos do corpo, ou em lugares ocultos; recebi-as, pois, estando acordada e com a mente clara, com olhos e ouvidos do homem interior, em lugares abertos, conforme a vontade de Deus (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 96).

Em outras palavras, consideramos que Hildegarda resiste às opressões da época e rompe com o eco do silenciamento à medida que utiliza de suas condições de produção, isto é, da dominação do Aparelho Ideológico Igreja, para autorizar e legitimar suas obras. Nesse sentido, a aprovação papal garantiu à filósofa a veracidade e a possibilidade da escrita, mesmo diante da constante dominação dos homens no período. Além disso, ao ler seus escritos publicamente, o papa “protegeu-a da censura a que ela estava fadada por violar as escrituras deuteropaulinas sobre o silêncio e a submissão das mulheres” (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 27).

Além de *Scivias*, concluída em 1151, Hildegarda escreveu mais duas obras de cunho religioso: *Livro dos méritos da vida* e *Livro das divinas obras*, este último contendo várias pinturas da abadessa. Compôs trabalhos voltados ao estudo da medicina, contidos no *Livro das sutilezas das várias naturezas da criação*, divididos posteriormente em *Física ou Livro de medicina simples* e *Causas e curas ou Livro da medicina composta*. Também manifestou suas ideias em cerca de 400 epístolas, dirigidas às várias classes de pessoas da Alemanha e de outros países. Foi musicista, deixando 77 canções sacras. Seu legado ainda inclui diversos outros textos e pequenos tratados sobre política, vida cotidiana e os mais variados assuntos.

Além disso, foi autora de uma espécie de dicionário, chamado de *Língua desconhecida ou secreta*, formada por um alfabeto em que lista mais de mil termos por ela inventados, traduzidos para o latim e o alemão. A filósofa escreveu essa obra para explicar, aos seus leitores, as alegorias e metáforas usadas por ela em seus textos, e também para falar de assuntos científicos em termos mais comuns à população em geral (POLL, 2010).

Em outra posição, Christine de Pisan utiliza de suas condições de produção, nesse caso, a estrutura feudal, para pensar, escrever e divulgar suas ideias. Apesar do contexto medieval, é uma das mais (re)conhecidas filósofas, sendo considerada a mais importante poetisa medieval e a primeira mulher a viver da escrita no Ocidente. Segundo Karawejczyk (2016), um breve resumo da vida desta pensadora nos mostra que Pisan nasceu em 1364, em Veneza, e com seis anos se mudou para a França acompanhando o pai Thomaz de Pisan, convidado a viver na corte de Carlos V. Inclusive, foi seu pai, astrônomo, quem

primeiro lhe ensinou Latim e Filosofia, disciplinas que não faziam parte da educação das mulheres na época.

Seguindo os costumes do período, casou-se aos 15 anos com Etienne Castel, nomeado secretário do rei um ano após o casamento. Precocemente, devido ao falecimento de seu pai, em 1386, e de seu marido, em 1389, Pisan, então com 25 anos, passou a ser a responsável pelo sustento da família: sua mãe, seus dois irmãos e seus três filhos.

Na obra *Le Livre des Trois Vertus*, publicada no século XV, que recebeu, no século XVI, uma versão portuguesa intitulada *O Espelho de Cristina*, a filósofa compôs um manual sobre como as mulheres deveriam se comportar para (sobre)viverem mais facilmente, isto é, evitando a extrema violência a que eram submetidas, dada as condições de produção em que viviam. De acordo com Mendonça (2013), os livros conhecidos com “Espelhos”, que se popularizaram na Europa do século XV, direcionavam-se à alta sociedade para educá-la, destacando os modelos sociais e religiosos a serem seguidos, a partir das concepções políticas e filosóficas da época.

Em um primeiro momento, esses manuais de bons modos e bons costumes constituíam a literatura moralizadora destinada a príncipes e reis, proeminentes figuras masculinas que deveriam ser os *espelhos de virtudes*. No entanto, a partir do século XV, com a necessidade de uma formação feminina com diretrizes próprias e específicas, esses manuais passaram a fazer parte da essência da educação das moças e mulheres da corte, dando origem aos “Espelhos de Rainhas”.

Em seu *Espelho*, a filósofa iguala homens e mulheres no âmbito da responsabilidade

[...] o estado real dos grandes senhores é levantado sobre os estados do mundo, é necessário que aqueles, assim homens como mulheres... sejam melhor acostumados que outra gente... [...] Que eles possam ser, a seus súditos... espelho e exemplo de bons costumes... (PISAN, 1987, p. 164).

Além disso, o manual escrito por Pisan dirige-se não só para as senhoras da nobreza, como também para as mulheres das diferentes classes sociais. Porém, considerando a cultura da época, afirma que “[...] se endereçará a nossa lição, primeiramente às Rainhas e Princesas e outras Senhoras... seguindo de grau em grau... cantaremos nossa doutrina em todos os estados das mulheres...” (PISAN, 1987, p. 170).

Nessa espécie de manual que as mulheres deveriam seguir, Pisan (1987) aborda, para Rainhas e Princesas, assuntos direcionados ao comportamento e o modo de resolver os conflitos. Os capítulos intitulavam-se, por exemplo, em *Como resistir às tentações; Como conseguir bons pensamentos, por amor e temor de Nosso Senhor; O caminho correto de uma Princesa temente a Deus; Como a boa Princesa querera ter todas as virtudes; Como conseguir a paz entre o Príncipe e seus vassallos; Como relacionar-se com o seu Senhor; Como relacionar-se com os parentes de seu marido; Como a princesa deve cuidar do “estado e governança” dos filhos; Como ser discreta com aqueles que sabe que não a amam; Como comportar-se para ser amada e respeitada pelos súditos; Como deve ter “em boa ordenança” as mulheres da sua corte; Modelo de carta a enviar a sua senhora, se a souber desencaminhada*; entre outros.

Já no capítulo para Senhoras e Donzelas, Pisan (1987) escreveu, entre outros assuntos, *Como evitar o vício da inveja; Como evitar maldizer; Não é próprio difamar ou dizer mal umas das outras; Como as que vivem em quintas devem organizar os seus bens; Conselhos sobre a “soberba” de algumas donas*. E, para a última parte intitulada Mulheres, a filósofa disserta sobre *Mulheres de Estado e burguesas; mulheres*

de mercadores; mulheres viúvas; moças; velhas entre as mancebas; moças entre as velhas; mulheres dos mestres; mulheres servas de casa; mulheres da mancebia; mulheres honestas e castas; mulheres dos lavradores; pobres (homens e mulheres); etc.

Assim, a filósofa compôs um manual sobre como as mulheres deveriam se comportar para (sobre)viverem mais facilmente, isto é, evitando a extrema violência que eram submetidas, dada as condições de classe que lhe eram impostas. A conservação de seus escritos nos permite entender mais sobre as condições das mulheres do medievo nas diferentes classes sociais, permitindo que percebamos outro furo na memória que já-diz sobre as mulheres, uma hegemonia histórica que nos contou sobre como estas não teriam interesse ou não poderiam pensar filosoficamente, nem registrar seus ensinamentos. Isso abre espaço para a problematização do que podia e devia ser dito pelos sujeitos da Idade Média e sobre o que aprendemos sobre as posições ocupadas por mulheres e homens a partir da materialidade que compõem o tecido teórico do que seria a Filosofia na Idade Média.

Em outras palavras, o texto de Pisan, embora destinado a diferentes tipos de mulheres, elabora um manual para que estas se saiam bem, isto é, tenham uma vida “melhor”. A filósofa fura com a memória advinda de uma história da Filosofia na medida em que apresenta um sentido outro para a imagem das mulheres, geralmente retratada como pecadoras e inferiores aos homens. Isto é, a partir de seu contexto de produção, Pisan elabora sobre si e sobre outras mulheres para outras mulheres, e revela a resistência dessa filósofa utilizando o reconhecimento que obteve ainda em vida e das oportunidades alcançadas graças a classe social mais privilegiada que frequentava e a aceitava.

Por isso, ao considerar as condições de produção da escrita das filósofas aqui apresentadas, podemos refletir sobre a resistência dessas mulheres em seu contexto histórico, o que abre caminho para efeitos de sentidos outros, possíveis a partir da materialidade de furos em uma memória que já-diz, não-diz e silencia sobre as mulheres no medievo e suas vivências intelectuais.

Consideramos, enfim, que, ao analisar os recortes da escrita das filósofas, apresentamos alguns pontos que podem levar a reflexão e a um conhecimento outro sobre a resistência dessas mulheres em seu contexto histórico. Acreditamos que tais reflexões possam ecoar e produzir novos efeitos de sentidos possíveis a partir do conhecimento e da análise do contexto de produção, das materialidades produzidas e conservadas, bem como do reconhecimento de mulheres do medievo ocupando posições diferentes das ligadas a maternidade, do matrimônio e da subserviência.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias**: conhece os caminhos do Senhor. São Paulo: Paulus, 2015.
- KARAWAJCZYK, Mônica. Christine de Pisan: uma filósofa no medievo?! *In*: PACHECO, Juliana (org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 104-123.
- MENDONÇA, Manuela. O espelho de Cristina (sec. XV). **História Revista**, Goiás, n. 1, p. 53-68, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/29903>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, [1969] 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, [1975] 2009.

PINHEIRO, Mirtes Emília; EGGERT, Edla. Hildegarda de Bingen: As autorias que anunciam possibilidades. *In*: PACHECO, Juliana. **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 84-103.

PISAN, Christine de. **O espelho de Cristina**. Introdução de Maria Manuela Cruzeiro, 1. ed. fac-similada, Lisboa, 1987.

POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. **A espiritualidade de Hildegarda von Bingen**: profecia e ortodoxia. 2010. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08032010-113221/pt-br.php>. Acesso em: 15 jul. 2019.